



INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: RODAS DE CONVERSA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Palavras-Chave: EDUCAÇÃO SEXUAL, PRÉ-ADOLESCÊNCIA, VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Autores(as):

MARIA CLARA ROCHA SILVA, FCM – UNICAMP

Prof. Dr. RUBENS BEDRIKOW (orientador), DSC/FCM - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A infância e adolescência são momentos marcados essencialmente por aprendizagem, tanto do mundo à volta, quanto por aprendizagens de si, da corporalidade e da sexualidade (RAMIRO, 2013, p. 12). O debate sobre sexualidade e a educação sexual é fundamental para o autoconhecimento da criança e do adolescente e para a prevenção do abuso sexual infantil. Porém, a abordagem do tema sexualidade ainda é um tabu, especialmente quando se trata de educação sexual.

Conhecimentos no âmbito da educação sexual permitem que as pessoas saibam distinguir o que é afeto do que é agressão e abuso, sendo portanto um fator protetor para a possível vítima (Soma; Williams, 2014, p. 354). Além disso, a educação sexual na fase escolar é também importante pois permite que se discuta temas como gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Ou seja, o ensino sobre métodos contraceptivos e meios de transmissão de ISTs, faz parte da educação sexual e a constitui como uma ferramenta que capacita o sujeito para tomar as melhores decisões para si, protegendo-se de situações indesejadas.

Sendo assim, a educação sexual, especialmente nas escolas, se constitui como uma questão de saúde pública, visto que é um fator preventivo contra a gravidez precoce e contra a transmissão de ISTs. Porém, é notório que metodologias meramente informativas, como no caso de palestras ou aulas expositivas, não são efetivas para a transmissão de conhecimento. Nesse sentido, é necessário que se utilize de outras ferramentas para que se discuta o tema educação sexual de forma mais eficaz: *“daí a importância dos programas preventivos e da utilização de livros [...] que possam ensinar habilidades protetivas para crianças reconhecerem e se protegerem diante de situações abusivas”* (Soma; Williams, 2014, p. 354). Portanto, a pesquisa buscou debater o tema educação sexual de forma lúdica, utilizando-se de jogos e atividades dinâmicas, em uma escola estadual periférica localizada na região norte de Campinas.

METODOLOGIA:

Tipo de Pesquisa: exploratória, transversal, qualitativa e com intervenção.

Participantes da pesquisa: seis meninas com idades entre 12 e 15 anos (duas do sétimo, uma do oitavo e três do nono ano), sendo quatro delas ex-residentes da ocupação Vila Paula (Campinas-SP) e todas matriculadas no ensino fundamental II em uma escola estadual de ensino integral localizada na região norte de Campinas. Tais meninas foram selecionadas intencionalmente, com ajuda de uma participante do programa de extensão Vila Paula, a qual indicou outras amigas para participarem da pesquisa. Em seguida, para a aproximação, foram realizadas conversas individuais com as mães das

participantes, momento em que se fez uma apresentação da proposta da pesquisa e aplicação do termo de consentimento livre e esclarecido.

Campo: sala de aula de uma escola estadual de ensino integral, localizada na região norte de Campinas. Os encontros foram realizados às terças-feiras à tarde, após o término da aula das participantes, durante sete semanas.

Coleta de dados:

Grupos focais: foram realizados no início e ao final da pesquisa, com duração aproximada de uma hora, seguindo roteiro contendo as seguintes questões: quais as fontes de informação que as meninas recorrem quando têm dúvidas sobre algo? Em casos de problemas ou situações indesejadas, a quem elas recorrem para pedir ajuda? Nos últimos anos, quais as mudanças sentidas no próprio corpo e no modo que pensam? Quais suas dúvidas sobre adolescência e pré-adolescência? O que elas pensam sobre si? Elas têm privacidade em casa?

É importante destacar, que no primeiro grupo focal, como foi também o primeiro encontro com as participantes da pesquisa, as perguntas foram mais abrangentes e indiretas para não causar desconforto e para que se criasse um espaço de diálogo e um senso de grupalidade. Porém, no último grupo focal as perguntas foram mais diretas, pois já havia se estabelecido um vínculo e uma identidade de grupo. Os grupos focais foram gravados em áudio e transcritos para análise.

Entre os grupos focais, semanalmente, foram realizadas cinco rodas de conversa, cada qual com uma temática e abordagem metodológica diferente.

Diário de campo: foi elaborado durante e, principalmente, após as rodas de conversa, contendo registros dos processos da pesquisa e observações de novos temas que surgiram ao longo das discussões. Portanto, as dúvidas e curiosidades das participantes da pesquisa serviram de guia para a intervenção.

Intervenção:

A fim de atingir os objetivos propostos, a pesquisa ocorreu a partir de cinco rodas de conversa, utilizando-se de livros infantojuvenis, jogos, filmes e conversas que abordaram, direta ou indiretamente, os temas sexualidade e educação sexual. Deste modo, tem-se dois aspectos importantes quanto à metodologia: i) a utilização de livros, jogos e filmes como objeto-disparador de discussões; e ii) a realização de conversas nas quais as participantes da pesquisa estavam, de modo ativo, contribuindo para compor a discussão. Nesse sentido, autores como Ramiro (2013), propõem que se discuta educação sexual de forma ativa, dado que o debate sobre sexualidade deve ser realizado visando, além da aceitação, a manifestação da sexualidade de modo aberto e com “valores humanistas, pluralista, e simultaneamente adequado às necessidades e características (gênero, idade, ano de ensino, etc.) do grupo específico a quem se dirige, garantindo a participação efetiva de todos, ao invés de se basear em aulas teóricas lecionadas por um professor ou um técnico de saúde” (RAMIRO, 2013, p. 37).

Nesse sentido, a estratégia de utilização de livros, jogos e vídeos como disparadores de discussões permite a interação e o diálogo, possibilitando maiores aberturas para debate de assuntos sensíveis (SOMA; WILLIAMS, 2014, p. 355).

Quanto ao conteúdo abordado nas discussões, estudiosos como Lampert e Walsh (2010), buscaram estabelecer critérios que devem ser contidos em propostas de educação sexual visando aumento de conscientização, dentre os quais estão:

“(a) Ensinar às crianças normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência, etc); (b) fornecer instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence); (c) ajudar às crianças a distinção entre um toque adequado e inadequado; (d) ajudar às crianças a distinguir a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados; (e) ensinar à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas; [...] (h) ensinar sobre as partes íntimas e anatomia de seu corpo; (i) fornecer a exposição repetida de mensagens de segurança; (j) ensinar que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada; (k) salientar que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança; (l) ensinar que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia; (m) ensinar que não existe um estereótipo de agressor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente; (n) ensinar que os agressores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas; (o) incentivar a denúncia e a notificação dos casos; [...] (q) oferecer oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura; e (r) fornecer material de apoio para pais e professores.”

Tais critérios supracitados foram utilizados como guia para a elaboração das propostas das primeiras rodas de conversa, sendo que os temas abordados nas semanas seguintes emergiram a partir de dúvidas e questionamentos das próprias participantes. Nesse sentido, a tabela abaixo aponta o assunto principal e a metodologia utilizada a cada semana:

TABELA 1 - Temas e estratégias metodológicas dos encontros

SEMANA	TEMA/ ATIVIDADE	INTERVENÇÃO
1	grupo focal	Conversa guiada por perguntas previamente elaboradas.
2	normas de segurança e abuso sexual	Conversa inicial com perguntas do tipo “o que você faria?” (exemplo: “o que você faria se sua casa pegasse fogo?”) de modo a instigar o aprendizado dos números da polícia, dos bombeiros e do SAMU. Em seguida, leitura do primeiro capítulo do livro infantojuvenil “minha vida não é cor de rosa”, da escritora Penélope Martins, o qual retrata uma cena de violência sexual, de modo a estimular o debate sobre situações de abuso.
3	toques adequados vs inadequados e métodos contraceptivos	Conversa inicial com perguntas sobre o que distingue um toque adequado de um inadequado. Em seguida, dinâmica em que se espalhou em uma mesa as descrições e as imagens de métodos contraceptivos para que as participantes, em grupo, correlacionassem as imagens às respectivas descrições.
4	ISTs	Jogo PREVINIX ¹ , que é um jogo de computador composto por perguntas de “verdadeiro ou falso” sobre ISTs.
5	gravidez na adolescência	Transmissão do filme “Juno”, lançado em 2008 e dirigido por Jason Reitman, o qual retrata a história de uma menina que engravidou aos 16 anos de idade.
6	sexo, gênero e orientação sexual	Dinâmica colaborativa em que as participantes criaram quatro bonecos, escolhendo seus respectivos: sexo biológico; nome; características e gostos; e orientação sexual. A partir disso, debateu-se o que distingue sexo e gênero, além de estereótipos de gênero e construção social de gênero.
7	grupo focal	Conversa guiada por perguntas previamente elaboradas.

Fonte: Elaboração própria

Esta pesquisa está vinculada ao programa de extensão universitária em andamento na ocupação (Extensão Vila Paula) e, portanto, a continuidade das intervenções sobre educação sexual para crianças e adolescentes poderá ser oferecida pelo grupo extensionista.

Análise: O material transcrito a partir das gravações dos grupos focais, assim como o conteúdo dos diários de campo foram analisados pela técnica de análise de conteúdo (CAMPOS, 2004), garantindo o total anonimato das participantes da pesquisa.

Aspectos éticos: A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp: CAAE 63078322.7.0000.5404.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A adolescência é um período marcado por diversas transformações físicas, hormonais e psíquicas, sendo a sexualidade uma temática latente que permeia o processo. Porém, nem todos os adolescentes têm espaços para conversar sobre suas dúvidas e sobre suas novas vivências, o que ocorre também com as participantes desta pesquisa. Nesse sentido, mais da metade das participantes não têm abertura para conversar com pais ou familiares sobre as mudanças que vem passando e

¹ Jogo criado pela Universidade Federal de Pernambuco. Acesso em: <https://sites.ufpe.br/vitrine/software/previnix/>.

sentindo, por isso restringem a temática apenas para alguns amigos. Relataram que quando se conversou sobre educação sexual no núcleo familiar, as famílias apenas deram instruções no âmbito da prevenção do abuso sexual, não abordando outros aspectos da educação sexual - como uso de métodos contraceptivos, entre outros. Deste modo, para o grupo estudado, a escola exerce um papel fundamental no processo de instrução adequada, fazendo com que as rodas de conversas realizadas ganhassem ainda mais relevância, visto que se constituiu como um espaço em que puderam debater sobre sexualidade. Além disso, todas as participantes estudam em uma escola de período integral e ainda assim, voluntariamente, optaram por ficar mais tempo na escola, após o término da aula, para participar das intervenções, corroborando a relevância que aquele espaço ganhou para elas.

Porém, debater ativamente educação sexual implica também em expor a si, o que torna ainda mais importante o vínculo criado no grupo, visto que tal fator influencia no grau de abertura que as participantes têm para expor seus pensamentos e dúvidas. Nesse sentido, tem-se dois aspectos importantes quanto às intervenções: i) o senso de grupalidade criado ao longo dos encontros, pois quando todas as participantes se vulnerabilizam e se expõem, mais confiança é gerada no grupo; e ii) o fato de ser um grupo pequeno e composto apenas por meninas que têm algum grau de intimidade, também possibilitou um maior grau de abertura. Sendo assim, o primeiro grupo focal, além de permitir que a pesquisadora pudesse conhecer o grupo e o nível de conhecimento em educação sexual de cada participante, também corroborou com a criação de um senso de grupalidade. Desta forma, semanalmente foi se estabelecendo um maior vínculo entre a pesquisadora e as participantes e entre as próprias participantes, o que facilitou o diálogo e a transmissão de conhecimento entre todas.

Outra questão fundamental que permeou as intervenções foi a diferença de idade - e, conseqüentemente, de série - entre as participantes. Como o tema sexualidade humana compõe o currículo de ensino do oitavo ano do ensino fundamental, três das seis participantes já haviam tido algum contato com a temática na escola. Tal fator foi importante para o processo, pois as meninas mais velhas debatiam e contribuíam no ensino das meninas mais novas - com pouca ou nenhuma intervenção da pesquisadora -, transmitindo o conhecimento em uma linguagem acessível a todas, o que constitui uma estratégia que se apoia na metodologia de ensino ativo.

Além disso, cada estratégia metodológica utilizada ao longo das rodas de conversa - supracitadas na Tabela 1, na coluna "intervenção" - proporcionou uma dinâmica de grupo única. Um exemplo de tal fato, foi a utilização de um texto para tratar do tema "violência sexual" logo na primeira roda de conversa. Essa estratégia possibilitou que, mesmo no início das intervenções, quando ainda não havia uma dinâmica de grupo bem estabelecida, fosse possível haver uma discussão rica e produtiva. Ou seja, como a utilização de literatura permite que a conversa ocorra através do debate sobre as vivências das personagens, torna-se possível tratar de temas sensíveis - tais como abuso sexual - de forma menos invasiva, pois não depende necessariamente que as participantes exponham possíveis violências que possam ter vivido. Assim, a utilização de literatura para tratar sobre violência sexual foi uma estratégia metodológica que corroborou os achados encontrados por pesquisadores como Soma e Williams (2014, p. 355), como o fato de ser uma boa estratégia para se tratar de assuntos sensíveis quando o grupo ainda não tem um vínculo bem estabelecido.

Porém, como as participantes da pesquisa estudam em período integral e já haviam passado o dia sentadas e lendo na escola, a leitura parecia cansativa e acabava gerando dispersões. Nas intervenções seguintes utilizou-se da abordagem através de jogos, pois são propostas mais dinâmicas, que envolvem conversas e que possibilitam outras interações na sala, com o grupo em pé. Por isso, nos encontros subsequentes, quando o grupo já havia criado um vínculo maior, utilizou-se de jogos, o que gerou uma menor dispersão e maior engajamento das participantes. Sendo assim, a pesquisa foi de encontro ao achado na literatura, colocando as metodologias ativas como as mais adequadas para trabalhar a educação sexual na escola.

CONCLUSÕES:

As intervenções possibilitaram às participantes mais velhas - do nono ano - complementar e integrar o conhecimento no âmbito de educação sexual previamente estudado. Já para as meninas do sétimo e oitavo anos, as rodas de conversa foram uma maneira de introduzir o tema sexualidade de forma mais interativa e menos conteudista. Para todas elas, o grupo se constituiu como um espaço importante para expor dúvidas. Porém, ao final da pesquisa foi possível perceber que sete encontros não foram suficientes para abordar todos os aspectos envolvidos na educação sexual e para gerar mais confiança no processo de grupalidade para que as participantes pudessem se abrir ainda mais.

Ou seja, é possível supor que com mais tempo de intervenção seria possível criar um vínculo maior para deixar as participantes ainda mais confortáveis para compartilhar experiências e dúvidas, podendo assim, receber orientação adequada.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, C. J. G. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. 2004. *Rev Bras Enferm*, Brasília (DF), 57(5), 611-614.

LAMPET, J., & WALSH, K. 'Keep telling them until someone listens': Understanding prevention concepts in children's picture books dealing with child sexual abuse. 2010. *Children's Literature in Education*, 41(2), 146-167.

NETO, O. & L'ABBATE, S. Avaliação do programa de intervenção preventiva "sexualidade e adolescência", com jovens estudantes da periferia do município de Campinas. 2007. *Revista Brasileira de Medicina Familiar e Comunidade*, 3(9), 4-12.

PADILHA, M. G., & WILLIAMS, L. C. (2009). Intervenção escolar para prevenção do abuso sexual com estudantes pré-adolescentes e adolescentes. In L. C. Williams & E. A. Araújo, **Prevenção ao abuso sexual infantil: Um enfoque interdisciplinar** (pp. 128-135). Curitiba, PR: Juruá.

RAMIRO, L. I. da S. **A educação sexual na mudança de conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes**. 2013. Tese de doutorado em Ciências da Educação, Especialidade Educação para a Saúde. Faculdade de motricidade humana: Universidade técnica de Lisboa. Lisboa, 2013.

SÁNCHEZ, F. L. (2002). **Modelos de intervenção em educação sexual**. Comunicação apresentada no Seminário Educação Sexual nas Escolas – Desafios e responsabilidades. Lisboa, Portugal.

SOMA, S. M. P; WILLIAMS, L. C. de A. Livros Infantis para Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Uma Revisão de Estudos. 2014. *Temas em Psicologia*, 22(2), 353-361.

VILAR, D. (2003). Questões actuais sobre educação sexual num contexto de mudança. In L. Fonseca, C. Soares, & J. Machado Vaz (Eds.), **A sexologia - perspectiva multidisciplinar, II** (pp. 155-183). Coimbra: Quarteto Editora.